

Vórtex: uma representação cinematográfica atual da última etapa do ciclo da vida familiar

Vortex: a current cinematic representation of the last stage of the family life cycle

Vórtex: una representación cinematográfica actual de la última etapa del ciclo de vida familiar

Rafael Fernandes de Almeida¹ , Bruna Lasserré Nunes Coêlho¹ 

¹Hospital de Base do Distrito Federal – Brasília (DF), Brasil.

Resumo

O filme *Vórtex*, dirigido por Gaspar Noé e lançado em 2021, retrata o processo de final de vida de um casal que mora na França. A potência desta obra reside não só na correlação fiel da narrativa com os eventos reais do cotidiano, mas especialmente no modo sublime e sensível como a história é apresentada. É um espetáculo contemporâneo que permite elucidar dinâmicas familiares íntimas no estágio de terminalidade. Sendo assim, ergue-se como uma obra de grande valia para aqueles que cuidam de pessoas que estão morrendo, como profissionais de saúde, e suscita reflexões de foro social para o mundo pós-moderno.

Palavras-chave: Filmes cinematográficos; Envelhecimento; Saúde da família; Apoio familiar; Relações familiares.

Autor correspondente:

Rafael Fernandes de Almeida

E-mail: rafael.fdealmeida@gmail.com

Fonte de financiamento:

não se aplica.

Parecer CEP:

não se aplica.

Procedência:

não encomendado.

Avaliação por pares:

externa.

Recebido em: 19/06/2023.

Aprovado em: 09/10/2023.

Como citar: Almeida RF, Coelho BLN. *Vórtex*: uma representação cinematográfica atual da última etapa do ciclo da vida familiar. Rev Bras Med Fam Comunidade. 2023;18(45):3816. [https://doi.org/10.5712/rbmfc45\(18\)3816](https://doi.org/10.5712/rbmfc45(18)3816)



Abstract

The film *Vortex*, directed by Gaspar Noé and released in 2021, portrays the end-of-life process of a couple residing in France. The power of this work lies not only in the faithful correlation of the narrative with real everyday events, but especially in the sublime and sensitive way in which the story is presented. It is a contemporary show that allows to elucidate intimate family dynamics in the terminal stage. Therefore, it stands as a work of great value for those who care for people who are dying, such as healthcare professionals, and raises reflections of a social nature for the postmodern world.

Keywords: Motion pictures; Aging; Family health; Family support; Family relations.

Resumen

La película *Vórtex*, dirigida por Gaspar Noé y estrenada en 2021, retrata el proceso del final de la vida de una pareja residente en Francia. El poder de esta obra reside no solo en la fiel correlación de la narración con hechos reales y cotidianos, sino especialmente en la manera sublime y sensible en que se presenta la historia. Es un espectáculo contemporáneo que nos permite dilucidar dinámicas familiares íntimas en la etapa terminal. Por tanto, se erige como una obra de gran valor para quienes atienden a las personas que están muriendo, como los profesionales de la salud, y suscita reflexiones de carácter social para el mundo posmoderno.

Palabras clave: Películas cinematográficas; Envejecimiento; Salud de la familia; Apoyo familiar; Relaciones familiares.

*“Na aurora eu nasci
Batizada com orvalho
Eu floresci
Feliz e apaixonada
Aos raios do sol
Me fechei à noite
Acordei velha”*

Nas baladas de Françoise Hardy em sua música “*Mon Amie La Rose*”,¹ os versos cantados anunciam de maneira singular e precisa o conteúdo abordado no filme. A metáfora dos estágios botânicos para os ciclos da vida humana não é nova. É, no entanto, neste longa-metragem francês que o murchar de uma rosa se torna tão melancolicamente belo. Num movimento cíclico de recolhimento e contemplação, germinam-se também reflexões pertinentes ao ato de cuidar. Neste ensaio metalinguístico, o ciclo da vida é intenso, tal qual um redemoinho. Deste ponto, tira-se uma das interpretações que dá nome à obra: *Vórtex*.

O encantador filme do argentino Gaspar Noé inicia-se com uma dedicatória: “*A todos aqueles cujos cérebros se decomporão antes de seus corações*”.² Nos minutos que se seguem, acompanha-se a rotina dos últimos meses de vida de um casal de idosos parisienses: Elle, uma psiquiatra que despenca em queda livre em um estado demencial; e seu esposo Lui, um escritor italiano cardiopata grave. A apresentação primaveril dos dois dá-se numa varanda em ricos lilases e fotografia impecável, e talvez no último diálogo gentil, abstrato e conecto do casal: “*A vida é um sonho, não?*”, o qual é respondido parafraseando-se o sombrio poeta Edgar Allan Poe: “*Um sonho dentro de um sonho*”.³

A partir da cena seguinte, Elle acorda confusa e a tela lentamente se divide por um traçado escuro, permanecendo separada até o fim. O caos que se desenha parecerá ainda maior do que um pesadelo dentro de um pesadelo. Quase em tom de advertência, o programa de rádio matutino inaugura este novo período dos dois com entrevistas de temáticas fúnebres, luto, resiliência, experiências pós-morte e contato com defuntos.

*“E eu sinto que estou caindo
Meu coração está quase nu
Estou com o pé na cova
Já não sou mais
Você me admirou ontem
E eu serei pó
Para sempre amanhã”*

O diretor direciona a trama mórbida em passos desconfortavelmente lentos e meticulosos, mas elegantes. Muitas vezes o espectador se perde nos interiores labirínticos do apartamento e da mente de Elle, que vaga pelos quartos, pelas ruas e por descuidos domiciliares. O cérebro de Elle vai progressivamente dando sinais de insuficiência cognitiva, e Lui não parece conseguir assimilar o declínio de sua companheira, ou mesmo de si próprio.

“Você está maluca!” — em um insulto cruel, o marido apavorado mostra sua indignação e medo diante da desorientação da esposa, após flagrar a casa tomada pelo cheiro de gás de cozinha.

Como consequência dessa dissonância relacional, seguem-se brigas, discussões e esforços de reconciliação por parte do parceiro, mas que assumem uma posição de reivindicação solitária, uma vez que a capacidade de entendimento da esposa está em pedaços. Observa-se o esposo aflito: fumando, bebendo e com constantes dores no peito e crises de dispneia. Em tais ânimos, numa vagarosa espiral de fragilidade descendente, é que a história se ambienta, e em um espaço físico assolado por *souvenirs* da vida: pilhas de livros antigos, pôsteres velhos de cinema, blocos de notas intermináveis e interminados. Em suma: fragmentos acumulados da vida material e cultural.

“Esta casa se tornou um verdadeiro pesadelo!” — lamenta Lui após Elle arrumar sua escrivaninha entulhada e, inadvertidamente, dar descarga em seu novo e importante projeto intitulado “Cinema e Sonhos”.

A justaposição das narrativas individuais (marcadas pela linha preta que concretiza a cisão da tela e simboliza a fração dos mundos internos das personagens) permite a imersão nos processos psíquicos individuais dos cônjuges, que pensam, sentem e se comportam de maneiras muito diferentes. Veem-se fronteiras ansiosas contrapondo-se com olhares vazios; tarefas inadiáveis e, ao mesmo tempo, atividades sem propósito; aspirações imaginativas e a morte da vontade; folhas enquanto lixo de papel, ou textos sagrados. De fato, um vórtex surge da diferença de pressão de duas regiões vizinhas e, por si só, também causa desordem e abala as estruturas.

“Pai, não sei mais como ajudá-los mamãe perdeu a cabeça e você teve um acidente vascular” — confessa o filho único em uma reunião familiar.

Assustado com a situação dos pais e, ao mesmo tempo, lidando com suas próprias fragilidades mentais, o jovem Stéphane mostra-se despreparado para contribuir com os cuidados de seus genitores e oscila entre o ímpeto de auxílio e a resignação. Em um primeiro momento, reforça a importância de consultas com profissionais de saúde, mas, nessa mesma visita, despercebe intencionalmente o risco da autogestão de seus pais dependentes. Stéphane tem sua própria vida já conturbada: precisa cuidar

de seu filho pequeno, Kiki, após a separação da mãe da criança e lida com sua dependência química, deixando claro: *“Eu sou incapaz de ajudar vocês não consigo já não dou conta de mim!”*.

Em seguida, o filho sugere que os dois se mudem para uma instituição de longa permanência na qual possam receber supervisão constante. No entanto, Lui, bradando de maneira irredutível, exclama: *“Não quero sair desta casa onde passamos toda nossa vida não joga fora meu passado.”* Posto o impasse, todos se sentem impotentes quanto ao futuro e à perspectiva da morte, mas não sem que escape um sussurro de dor total de Elle, que assiste aos dois familiares discordando: *“Seria melhor que eu estivesse morta”* e *“Eu só quero que se livrem de mim”*.

Entre uma rima visual e outra, flagra-se a psiquiatra desvairada elaborando uma alquimia com um amontoado de remédios dispostos na mesa, e o filho recorrendo ao uso de entorpecentes injetáveis para alívio do seu sofrimento. Segundo o pai, *“esta é uma casa cheia de remédios”* e *“é uma vida mergulhada nas drogas”*, chegando a declamar que *“de verdade nós somos quase escravos de drogas”*. Fica evidente a digressão de como muitas vezes se abordam os problemas na modernidade, isto é, recorrendo à medicalização.⁴ A associação do idoso à polifarmácia parece inescapável e mais naturalizada do que a sua própria morte.

A última fase do ciclo familiar geralmente ocorre com a deflagração de uma doença grave e ameaçadora da continuidade da vida e, por vezes, basta essa notícia para que se desenrole uma reconfiguração familiar.⁵ No entanto, questiona-se até que ponto isso é, de fato, praticável em espaços nos quais a rede de apoio é praticamente nula, levando-se em consideração a redução dos núcleos familiares na contemporaneidade.⁶

“Vai de mal a pior...” — observa o idoso em face do pânico do novo cotidiano.

Durante uma madrugada, Lui é surpreendido com uma dor torácica dilacerante, enquanto Elle dorme tranquilamente ao seu lado. Em uma sequência de passos bambos, o idoso cai na sala sem socorro e sob gemidos. É apenas na manhã seguinte que sua parceira o encontra e, com semblante neutro, liga para o filho. Lui acaba por falecer no hospital e metade da tela é ocupada por um campo preto. Os últimos capítulos seguem os caminhos errantes da idosa, a qual, eventualmente, recebe uma notícia de seu cuidador: seu filho encontrou um lar para que ela possa ser acolhida. Na cena seguinte, sob uma questionável lucidez transitória, vê-se a idosa recitando o Pai-Nosso, acendendo o fogão e deixando-o ligado enquanto vai se deitar, cobrindo seu rosto. A dúvida suicida paira. Até na morte o casal se completa em sua degradação: a falência física súbita de Lui e a deterioração mental demorada de Elle.

A segunda tela é preenchida por fumaça e, gradualmente, é tomada pela escuridão absoluta. O enredo encerra-se após as celebrações fúnebres. O apartamento, antes ocupado por milhares de artefatos, vai paulatinamente perdendo seu conteúdo, de caixa em caixa, até o vazio completo. Quem assiste fica só: os pensamentos parecem igualmente desaparecer; entretanto, o vácuo deixado é ambientado em uma meditação que prenuncia uma corrente de ideias.

O questionamento que assola os tempos atuais é justamente este:⁷ o que a sociedade está fazendo para se preparar para o envelhecimento crescente da população? Como se organizará para estruturar a provisão de cuidados para a população com redes de apoio cada vez mais escassas e, ainda, como fazê-lo de maneira equitativa e com respeito às tradições culturais e à autonomia de cada um?

A arte enquanto expressão cultural acompanha as mudanças sociais. Os filmes podem emprestar visões e ensinar lições valiosas sobre o âmago dos sentimentos, bem como ajustar lentes sociais para

facilitar a compreensão da realidade.⁸ *Vórtex*, ao exibir um processo de finitude na década de 2020 com seu tom documental, cumpre bem essa função. Desse drama se podem extrair semelhanças e diferenças com as histórias encontradas na prática clínica diária. As equipes de saúde, ao se depararem com pessoas que já se encontram nas últimas páginas de suas biografias, têm a oportunidade de trabalhar uma abordagem dignificante para tais famílias.⁹ Adentrar lares com a ferramenta da orientação familiar bem calibrada permite aos profissionais se adequarem às demandas que se apresentam e obterem uma compreensão holística do morrer.

*“E minha amiga a rosa
Morreu esta manhã
A lua esta noite
Vigiu minha amiga
Eu, em um sonho, eu vi
Deslumbrante e nua
Sua alma dançante
Muito além das nuvens
E quem sorriu para mim
Acredita, aquele que pode acreditar
Eu, eu preciso de esperança
Caso contrário, eu não sou nada
Ou tão pouco
É minha amiga a rosa
Quem disse isso ontem de manhã”*

REFERÊNCIAS

1. Hardy F. Mon Amie La Rose [música]. No: 3 in: Mon Amie La Rose. Paris: Disques Vogue; 1964.
2. Noé G. Vortex [filme]. Paris: Wild Bunch; 2021.
3. Poe EA. Dream Within a Dream. In: Poe EA. The Complete Poems of Edgar Allan Poe. New York: Vintage Books; 2017. p. 100-101.
4. Cardoso RV. Quaternary prevention: a gaze on medicalization in the practice of family doctors. Rev Bras Med Fam Comunidade 2015;10(35):1-10. [https://doi.org/10.5712/rbmfc10\(35\)1117](https://doi.org/10.5712/rbmfc10(35)1117)
5. Mehta A, Cohen SR, Chan LS. Palliative care: A need for a family systems approach. Palliat Support Care 2009;7(2):235-43. <https://doi.org/10.1017/S1478951509000303>
6. United Nations. Patterns and trends in household size and composition: evidence from a United Nations dataset. New York: United Nations; 2019.
7. Abdi S, Spann A, Borilovic J, de Witte L, Hawley M. Understanding the care and support needs of older people: a scoping review and categorisation using the WHO international classification of functioning, disability and health framework (ICF). BMC Geriatr 2019;19(1):195. <https://doi.org/10.1186/s12877-019-1189-9>
8. Reigada C, Martín-Utrilla S, Pérez-Ros P, Centeno C, Sandgren A, Gómez-Baceiredo B. Understanding illnesses through a film festival: an observational study. Heliyon 2019;5(8):e02196. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2019.e02196>
9. Xiao J, Chow KM, Choi KC, Ng SNM, Huang C, Ding J, et al. Effects of family-oriented dignity therapy on dignity, depression and spiritual well-being of patients with lung cancer undergoing chemotherapy: A randomised controlled trial. Int J Nurs Stud 2022;129:104217. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2022.104217>